

A violência lenta da ditadura:

A formação e influência do Comando Vermelho

Berkeley Kershisnik

Desde a colonização do Brasil, o homem branco demonstrou (e assim ensinou) a violência como um meio de obter poder e proteger seus próprios interesses, um fato demonstrado pelo tratamento dos povos indígenas no Brasil, e mais tarde, dos escravos africanos. Por meio da violência uma nova língua, cultura e religião foram impostas no Novo Mundo, e mesmo muitos anos depois, a mesma tática de violência também foi empregada pelo governo brasileiro para reprimir os terroristas na época da ditadura. Essa tradição de violência foi passada para os presos comuns na prisão e então levada por eles para as favelas e então se torna uma característica marcante da sociedade brasileira ao longo de sua história.

Durante a ditadura militar no Brasil, muitos jovens revolucionários foram capturados, brutalmente torturados e colocados na prisão. Embora essa violência fosse extremamente cruel, não foi o único resultado violento da rebelião, pois dentro das mesmas prisões onde acontecia a tortura dos terroristas, os presos comuns aprenderam com eles a se organizarem e formaram um coletivo contra a repressão—um sistema que então levaram de volta às favelas e aplicaram ao narcotráfico. Durante a ditadura, “the military’s regime’s repressive apparatus successfully stamped out armed political opposition. Yet these very repressive activities generated new enemies and new forms of oppositional identification...the interrogators produced that which they sought to repress (Pengalese 125-126). O termo “violência lenta” sugere que a formação desses outros inimigos não foi uma consequência imediata da época dos militares, mas que era uma violência que se desenvolveu ao longo da ditadura e que até hoje em dia é um problema enorme que aumenta mais a cada ano. Através de uma análise do processo da formação de um

grupo de prisioneiros chamado o Comando Vermelho, revela-se uma consequência ainda mais violenta e duradoura do governo militar—uma nova forma de crime organizado—que é conhecida internacionalmente por meio de vários filmes e documentários inclusive *Quase dois irmãos*, *Notícias de uma guerra particular* e *Falcão: Meninos do tráfico*.

O encontro na Ilha Grande

Para entender o processo pelo qual os presos comuns aprenderam a se organizar, é preciso voltar à época da ditadura em que os presos políticos começaram a chegar à prisão. No seu livro, *Quatrocentos contra um: Uma história do Comando Vermelho*, “o primeiro e mais importante líder do Comando Vermelho, William da Silva Lima—o Professor,” olha para trás na sua experiência de rodar entre várias prisões e reconhece as consequências do tempo que ele passou na cadeia (Amorim 73). Depois de ser preso várias vezes por assalto, ele confessa: “a prisão me profissionalizara no crime. Com quase trinta anos de vida e mais de dez na cadeia, não via como voltar atrás” (Lima 47). O sistema penal brasileiro também servia como um lugar de aprendizagem criminosa para outros bandidos, principalmente na prisão da Ilha Grande na costa do Rio de Janeiro: “A cadeia construída para abrigar 540 presos, está superlotada . . . A Ilha Grande ganha *status* de um curso de pós-doutorado no crime. Quem entra ladrão sai assaltante” (Amorim 40).

Com o sistema penal nessa situação, “em 1964 começaram a chegar os primeiros presos políticos atingidos pelo golpe militar” (Lima 35). Um artigo de Ben Pengalese explica a ligação entre a ditadura militar e suas consequências indesejadas e certamente não pré-vistas que surgiram por causa das mudanças que os revolucionários impuseram na comunidade encarcerada:

In a fairly direct sense, the Comando Vermelho was the bastard child of the dictatorship’s attempt to repress armed political opposition. As is now well-

documented, the CV first emerged in the 1970s in the Cândido Mendes prison on Ilha Grande, where members of armed political groups and common prisoners convicted under the Lei de Segurança Nacional, or LSN, were housed in the same unit of the prison, Galeria B. (125)

Os estudantes e intelectuais revolucionários tinham experiência de se organizarem porque era isso que faziam nos movimentos políticos, então quando chegaram na Galeria B, onde havia muita violência entre os prisioneiros, eles utilizaram força para fazer com que os demais prisioneiros seguissem as regras que colocaram para manter ordem e consolidar suas forças contra a repressão.

De acordo com o procurador José Carlos Tórtima, quando os presos comuns e políticos se encontraram na prisão pela primeira vez, houve muitos conflitos. Por exemplo, quando um chefe de quadrilha ameaçou um preso político, “os presos políticos reagiram e deram uma surra no bandido” (Amorim 77). Em resposta a isso, os presos políticos resolveram que tinham que usar força para sobreviver, então: “quando [os presos comuns] ameaçavam um preso político, nós dizíamos: ‘A longa mão da revolução vai buscá-los aonde estiverem, se alguma coisa acontecer a algum de nós.’ A partir daí começou a haver mais respeito” (77). Anos depois, esse tipo de organização marcaria o “coletivo” que surgiria nas favelas, pois como foi explicado por Michel Misse, alguns bandidos seguiram o exemplo da cooperação entre os terroristas e inventaram seus próprios códigos de lealdade entre os prisioneiros dentro e fora dos presídios (124).

Carlos Amorim cita Gregório Bezerra, um militar e comunista condenado, que explicou sua perspectiva da influência dos presos políticos:

[. . .] os presos comuns, quando reunidos aos presos políticos, “viviam uma experiência educadora....Passavam a entender melhor o mundo e a luta de classes”, explicou, “compreendendo as razões que produzem o crime e a violência.” A influência dos prisioneiros políticos se dava basicamente pela força

do exemplo, pelo idealismo e altruísmo, pelo fato de que mesmo encarcerados continuávamos mantendo a organização e a disciplina revolucionárias. (50)

Através de tal organização, os presos comuns começaram a aprender o poder que tinham no coletivo que não tinham individualmente, e houve a necessidade de “organizar os companheiros, superando diferenças trazidas da rua, estabelecendo um modo de vida que permitisse liberar nossas energias para o confronto com a repressão e a luta pela liberdade” (Lima 57). Assim os problemas da rua foram deixados fora das paredes do presídio para que os prisioneiros pudessem se unir naquela hora de necessidade.

Chegou uma época entre 1969 e 1975 em que os prisioneiros revolucionários foram transferidos da Galeria B (ou seja, a Galeria da Lei de Segurança Nacional ou “fundão”) para o centro do Rio. “Ali eles aguardaram a anistia que devolveu todos à liberdade. Os presos políticos foram embora, mas deixaram muitas marcas na vida do presídio” (Amorim 46). Essas marcas, na forma de novas atitudes e regras, não somente influenciaram a ordem dentro da prisão, mas foram levadas às favelas do Rio onde continuaram na forma do movimento do tráfico de drogas e da proteção própria dos morros. De acordo com Pengalese, esses efeitos foram duradouros porque deram início ao conceito fundamental de união através de regras comuns que veio junto com uma identidade comum igual à dos prisioneiros da Lei de Segurança Nacional: “The military’s strategy of holding all prisoners under the Lei de Segurança Nacional also generated a common identity, under which inmates joined together in a common struggle against the prison system for better treatment and to achieve their ultimate goal, escape” (Pengalese 126).

O Comando Vermelho

Por causa do encontro dos dois tipos de prisioneiros, regras foram estabelecidas e a organização que surgiu adotou o apelido “Falange da Lei de Segurança Nacional (LSN).”

William da Silva Lima explicou, “Na prisão, falange quer dizer um grupo de presos organizados em torno de qualquer interesse comum. Daí o apelido de Falange da LSN, logo transformada pela imprensa em Comando Vermelho” (95). Amorim afirma que a convivência dos presos possibilitou a formação desse grupo que chegou a ter muito poder dentro da prisão: “Nivelando o militante e o bandido, o sistema cometeu um grave erro. O encontro dos integrantes das organizações revolucionárias com o criminoso comum rendeu um fruto perigoso: O Comando Vermelho” (46). Essa denominação apareceu pela primeira vez em 1979 num relatório que comentou que depois de vários assassinatos, o Comando Vermelho tinha tomado poder total da Ilha Grande e assim começou a comandar o crime organizado nas prisões do sistema penal do Rio (95).

De acordo com Lima, essa organização ajudou o preso a “deixar de ser barata tonta e afirmar-se como sujeito, senhor de direitos e poderes, mesmo no interior das execráveis prisões brasileiras” (15). Por causa da determinação dos presos políticos em aumentar seu poder contra o sistema penal e a necessidade de união naquele momento, a organização não era facilmente dissolvida:

O que eles chamavam de Comando Vermelho não poderia ser destruído facilmente: não era uma organização, mas, antes de tudo, um comportamento, uma forma de sobreviver na adversidade. O que nos mantinha vivos e unidos não era nem um hierarquia, nem uma estrutura material, mas sim a afetividade que desenvolvemos uns com os outros nos períodos mais duros das nossas vidas. (96)

No filme *Quase dois irmãos*, há uma cena em que os presos políticos explicam aos presos comuns que no coletivo não tinha um líder, mas que todos se uniram para, coletivamente, ser o líder contra a repressão e sofrimento que passavam. Naquela época, os presos comuns não conheciam tal tipo de rebelião, então os presos políticos tiveram que demonstrar, pela força, a importância do sistema, e enfim o coletivo conseguiu uma unidade quase total (Lima 60).

Em *Quatrocentos contra um*, Lima conta uma experiência em que foi preciso empregar violência, ironicamente, para estabelecer uma ordem de paz entre os presos e então evitar mais violência. Um membro de seu coletivo assaltou um companheiro, quebrando uma regra importante, então para demonstrar sua determinação e o poder do coletivo, esse prisioneiro foi morto, anunciando a toda a Ilha Grande quem tinha o poder, e que qualquer pessoa que agisse contra as regras enfrentaria as consequências (70). Conseqüentemente, os coletivos nas favelas ainda seguem esse exemplo de violência, pois o povo chega ao ponto em que sabe que não adianta mais falar porque suas palavras não são atendidas, então “a fala em si falha, ao mesmo tempo que a bala força a sua voz e fala mais alto” (Fitzgibbon 135). Na guerra para manter o poder (ou na prisão ou na favela), uma ação vale mil palavras, ou no caso da violência, muito mais.

A influência do Comando Vermelho não se conteve dentro das paredes do presídio, mas ao contrário, “This structure of loose rules prohibiting rival organizations, and banning robbery, theft, rape and informing to the police, yet allowing for maximum individual autonomy, would eventually be carried by members of the CV into Rio’s favelas” (Pengalese 127). Assim os presos comuns que saíram do sistema penal para entrar nas favelas levaram consigo uma nova ordem social. Em 1980, o primeiro líder do Comando Vermelho escapou mais uma vez da prisão com mais dois homens com o seguinte propósito:

Os três têm uma missão importante: organizar uma nova ‘frente de luta’, uma estrutura de ação capaz de modernizar a mentalidade no mundo do crime. Eles vão montar uma quadrilha de respeito, vão levar para as favelas da cidade um método de operação que imita as principais características da guerrilha urbana dos anos 70. (Amorim 127)

Da prisão para o morro

Nos anos 80, vários prisioneiros já tinham escapado da Ilha Grande, e outros foram transferidos para outras prisões, então a influência do Comando Vermelho começou a espalhar pelo sistema penal no Brasil e até fora das prisões. Os que escaparam começaram a estabelecer bases nas favelas por vários motivos, principalmente por questão de segurança. Muitos prisioneiros vieram das favelas então naturalmente voltaram, e além disso, muitos bandidos nas favelas reconheceram a vantagem em fazer parte de uma organização como o Comando Vermelho caso que ficassem presos (Pengalese 128). Pengalese oferece mais uma vantagem do refúgio nos morros do Rio: “the social and physical geography of favelas—often located on hilltops, and often not officially mapped nor built on any easily patrolled grid—made them ideal territory to defend against rivals and elude apprehension by the police” (130).

Depois de determinar o local para a organização poder continuar fora da prisão, surgiu a questão de financiamento do coletivo. Depois de “retomar” muito dinheiro através de assalto aos bancos no Rio, um outro líder importante na formação do Comando Vermelho, José Jorge Saldanha (apelidado Zé do Bigode) foi o primeiro que “exigiu do tráfico de drogas as contribuições mais expressivas para financiar as ações do grupo” (Amorim 112). Nos anos 80, o Comando Vermelho começou a entrar no tráfico de drogas de uma forma sistemática, embora alguns líderes ainda estivessem presos (Pengalese 128). Com o dinheiro dos assaltos e do tráfico, os ex-prisioneiros continuaram leais aos seus companheiros que ainda estavam presos e procuraram meios de ajudá-los a escapar também. “Assaltamos um banco para equilibrar as finanças. . .[e] logo surgiu a ideia de ajudar de alguma maneira nossos antigos companheiros do Fundão. Compramos então uma lancha, batizada de Jupira, nome que na prisão quer dizer de todo mundo” (Lima 97). Assim a ideia de união que aprenderam com os presos políticos os ajudou a manter organização e poder coletivo para lutar contra a repressão da sociedade.

Além de manter as regras da prisão entre os membros do grupo, os bandidos que viraram traficantes também começaram a impor o sistema nas favelas. Como eram proibidos ataques, roubos e estupros no Fundão, “the CV instituted a system of forced reciprocity in favelas by which traffickers provided security in favelas, outlawing theft, robbery or rape, in exchange for the silence or complicity of favela residents” (Pengalese 129). Por causa da organização do Comando Vermelho, essa nova estrutura social deu certo diante da violência esporádica e injusta da polícia. Pengalese explica, “Police terror is more feared than the barbarity of drug traffickers, since the police disdain rules and enjoy an ad hoc morbid creativity, while traffickers constrain themselves with basic principles and subordinate their despotic practice to an intelligible and public order” (132). Os traficantes ajudaram os moradores com suas necessidades financeiras e os moradores ofereciam silêncio com respeito ao paradeiro dos traficantes, criando uma solidariedade dentro da favela que a sociedade brasileira não lhes oferecia.

Não levou muito tempo para o nome do Comando Vermelho cair em uso comum, e os líderes livres foram rigorosamente caçados nos morros das favelas. O título do livro de William da Silva Lima foi colocado para destacar uma batalha específica entre os policiais e dois membros do Comando Vermelho, José Jorge Saldanha (Zé do Bigode) e João Damiano Neto. Quando os policiais subiram o morro para prendê-los, até as emissoras de rádio e televisão passaram a transmissão ao vivo, e de acordo com Lima, “parecia que dois exércitos iriam iniciar uma batalha. Na verdade, era mais ou menos isso. . . [João Damian Neto] não tardou a ser morto, numa das diversas tentativas de invasão. Restaram, nessa batalha sem glória, quatrocentos homens contra um” (100-101). Amorim também conta essa história para demonstrar a mentalidade dos membros do Comando Vermelho:

Zé do Bigode, ao resistir até a morte, estava movido pelo ódio contra a polícia que o prendeu e torturou várias vezes. E também pelo sentimento de que não podia

trair a confiança dos companheiros. . . Ele ajudou a criar uma irmandade no crime—o Comando Vermelho....Um dos mandamentos da organização certamente ficou ecoando em sua cabeça durante a última noite de vida: ‘Luta permanente contra a repressão e os abusos!’ Na mente de um homem que não tem qualquer futuro à vista, vale a pena morrer por isso. (120)

Sem muita oportunidade de tomar um outro caminho, homens como os membros do Comando Vermelho preferiram perder a vida nessa luta com o coletivo, mesmo que fosse muito violenta, do que lutar sozinhos—uma mentalidade que ainda existe entre os traficantes.

A tática de organização deu certo para os coletivos nas favelas, pois os criminais mais organizados durante os anos 80 conseguiram consolidar o tráfico de drogas nas facções que se formaram na prisão. Contudo, entre os vários coletivos, “the most prominent... was the *Comando Vermelho* (Red Command), a gang that had formed in the Ilha Grande Prison during the waning years of Brazil's military dictatorship” (Arias e Rodrigues 61). O poder do Comando Vermelho continuou a crescer e até o final de 1985 esse grupo tinha conseguido controle de setenta por cento do tráfico de drogas nas favelas do Rio (Pengalese 128).

A questão racial e a violência atual

Sempre que se fala na violência da sociedade brasileira, surge a questão racial, pois “o ressentimento racial [é] um dos principais fatores históricos e uma das forças propulsoras originais da ascensão da violência social brasileira, não apenas de hoje, mas de séculos de colonialismo” (Fitzgibbon 150). Desde a época do embranquecimento em que os ex-escravos foram forçados aos morros onde as favelas foram criadas, os negros foram alvos de prejuízo, e Pengalese afirma que a missão original da Polícia no Rio era a de manter a distribuição desigual do poder que foi estabelecida pela primeira vez quando a escravidão foi instituída (130).

Do livro *Cidade de Deus* (que é conhecido no mundo inteiro por representar a situação do narcotráfico no Rio), Vanessa Fitzgibbon cita uma passagem que demonstra o ressentimento

racial entre negros e brancos que vem da época da colonização e que permanece na sociedade até hoje nos conflitos entre os policiais e favelados: “Tinha prazer em matar branco, porque o branco tinha roubado seus antepassados da África para trabalhar de graça, o branco criou a polícia para bater, prender e matar o negro. Tudo, tudo que era bom era dos brancos” (147). Para os marginalizados, não tinha outra opção além da violência e revolta para sentir qualquer tipo de vindicação depois de uma história de tanto sofrimento e retomar um pouco de dignidade.

William da Silva Lima reconhece que “a ideia de que a Justiça é igual para todos é história para boi dormir,” e que “poder e dinheiro caminham juntos em nossa sociedade, na qual nasci pobre e sempre me senti marginal” (108, 115). Quando está preso, ele percebe a injustiça do sistema penal, pois eram principalmente os bandidos pobres que tinham que sofrer nos presídios, mas os bandidos ricos não chamavam a atenção dos policiais: “Existem bandidos em todas as camadas sociais, mas na cadeia, estão apenas os pobres. Quando o bandido é pobre ou ignorante, age de forma precária, bruta, rápida, imediata, visível. . . O bandido rico não precisa usar de violência direta, e sua brutalidade não aparece” (118). Então os pobres (que em muitos casos são considerados negros) geralmente vieram das favelas, e por serem abandonados pela sociedade se tornaram marginalizados e tiveram que organizar seu próprio sistema de justiça, tanto fora como dentro da prisão.

Em 2004 lançou o filme *Quase dois irmãos*, que acentua a questão racial entre um preso político e branco, Miguel, e seu amigo Jorginho, um bandido comum e negro. Enquanto houve uma fase de união entre os dois grupos, chega um momento em que o número de presos comuns ultrapassa o número de presos políticos e a divisão entre os grupos começa a aparecer novamente. Numa cena chocante, os negros demonstram que tinham aprendido com o homem branco a lidar com dissensão matando vários bandidos que não queriam se afiliar ao coletivo.

Até o título do filme sugere que o branco e o negro nunca seriam iguais, pois em sua sociedade nunca teriam a mesma oportunidade nem justiça. Essa questão era de alta importância nas prisões durante a ditadura e continua a ser o ponto central da violência que existe entre as duas sociedades cariocas.

Em 1999 e 2006 surgiram alguns documentários que tratam do assunto da violência atual que se desenvolveu da influência do Comando Vermelho. Em *Notícias de uma guerra particular* e *Falcão: Meninos do tráfico*, revela-se a situação atual nas favelas como consequência da organização do crime durante a ditadura. Em *Notícias de uma guerra particular*, Paulo Lins (o autor de *Cidade de Deus*) foi entrevistado e disse que hoje em dia, não existem mais líderes poderosos do Comando Vermelho na rua, pois todos foram mortos ou pelos próprios bandidos ou pelos policiais. Carlos Gregório (“Gordo”), um fundador do Comando Vermelho, também disse que no tráfico de drogas, tudo é de curto prazo então as coisas foram mudando e tudo desorganizou até o ponto que somente o nome e o mito do Comando Vermelho restaram. A nova geração tentou se organizar novamente, mas eram mais jovens, mais violentos e menos organizados então a situação acabou piorando ainda mais.

Falcão: Meninos do tráfico retrata o ponto de vista dessa nova geração de traficantes como contado para MV Bill e Celso Athayde—sem *glamour*. Embora haja uma forma de organização entre os traficantes, moradores e policiais, é muito instável e então cheia de violência até pior do que as últimas duas décadas. Alguns meninos entrevistados demonstram o desejo de serem bandidos, outros confessam que querem sair do tráfico e outros aceitam sua situação como questão de sobrevivência numa sociedade que está contra eles. Um verdadeiro testemunho da seriedade da violência nos morros do Rio se encontra no fato de que somente um ano depois dessas entrevistas, MV Bill voltou para procurar os mesmo meninos que tinha

entrevistado, e oitenta por cento deles já estavam mortos. Embora coletivos como o Comando Vermelho forneça algum tipo de identidade para os bandidos e traficantes, a final de contas os meninos que agora entram no tráfico perdem sua identidade, e nas palavras de MV Bill, somente aparecem nas estatísticas depois de serem mortos (00:20).

Conclusão

Entre todo o horror da censura, tortura e repressão da ditadura, começou a crescer um novo ramo de violência da árvore plantada pelos primeiros colonizadores e que hoje em dia é conhecido internacionalmente. Na Ilha Grande, os presos políticos sujeitaram os presos comuns, pobres e negros ao seu novo comando, um ato de violência que os bandidos então empregaram contra o próprio Estado quando voltaram às favelas e estabeleceram sua própria liderança no tráfico de drogas. A história do primeiro líder do Comando Vermelho, William da Silva Lima, serve como exemplo do processo pelo qual os bandidos comuns aprenderam com os terroristas a se organizarem contra a repressão de uma forma que mudou completamente a organização do crime no Rio de Janeiro. Essa situação demonstra a ineficiência do sistema penal, e apesar do fato do grande erro ter sido cometido pelo governo, “o preço é pago pela sociedade inteira. Longe de transformar criminosos em trabalhadores, nossas prisões fabricam novos criminosos e nos afundam em criminalidade maior. Triste é o destino de uma instituição que, quanto mais fracassada, mais necessária se torna” (Lima 119).

O Comando Vermelho cresceu em fama e violência dentro das próprias favelas e então ficou conhecido no mundo inteiro quando surgiram vários filmes e documentários baseados na violência das favelas do Rio. Esses filmes tentam demonstrar a realidade da época da ditadura e sua consequente violência que gerou o caos que agora existe no mundo carioca que não faz parte do cartão postal da cidade. Violência gera rebelião e abandono gera ressentimento, então o

encontro da organização dos revolucionários com a frustração dos marginalizados na Ilha Grande iniciou uma reação catalisadora cujo produto derrubou as paredes da prisão e se infiltrou nos morros, levando a violência e repressão do branco, do governo e da ditadura mais uma vez às portas dos marginalizados.

Bibliografia

- Amorim, Carlos. *Comando Vermelho: A história secreta do crime organizado*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1993. Print.
- Falcão: Meninos do tráfico*. Dir. MV Bill, Celso Athayde. Microservice Tecnologia digital da Amazônia Ltda, 2006. DVD.
- Fitzgibbon, Vanessa. “O ressentimento racial brasileiro e a identidade marginal a partir da ‘Historia de Inferninho’ em Cidade de Deus, de Paulo Lins.” *Luso-Brazilian Review* 46.2 (2009) : 129-154. Print.
- Lima, William da Silva. *Quatrocentos contra um: Uma história do Comando Vermelho*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001. Print.
- Lins, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Print.
- Misse, Michel. *Crime e violência no Brasil contemporâneo: Estudos de sociologia do crime e da violência urbana*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Júris, 2006. Print.
- Notícias de uma guerra particular*. Dir. Katia Lund, João Moreira Salles. VideoFilmes, 1998-99. DVD.
- Pengalese, Ben. “The Bastard Child of the Dictatorship: The Comando Vermelho and the Birth of ‘Narco-culture’ in Rio de Janeiro.” *Luso-Brazilian Review* 45.1 (2008) : 118-145. Print.
- Quase dois irmãos*. Dir. Lúcia Murat. Perf. Caco Ciocler, Flávio Bauraqui e Werner Taiga Filmes, 2004. DVD.